

DEUSES E HOMENS — HOMENS E DEUSES

E O TEATRO INÉDITO DE PESSOA

Sentir-se «par dos deuses sendo homem, par dos homens sendo deus, êxul ao mesmo tempo em duas terras» ⁽¹⁾ é a angústia nodular das personagens de Pessoa. Chamem-se elas Fernando, Álvaro, Ricardo, Alberto. Sim, também Alberto, apesar deste os querer ensinar a todos e a si próprio a ter uma só pátria: a do visível chão firme. Todas as personagens dos dramas publicados ou inéditos são sempre mestiças de deus e de homem: as Veladoras de *O Marinheiro*, Fausto de *Primeiro Fausto*, e ainda Salomé, os A. e B. dialogantes do Jardim do Palácio, Sakyamuni, o Príncipe ⁽²⁾. Dos textos dramáticos inteiramente inéditos citemos Ligeia (da peça com o mesmo nome), «entre os deuses humana, entre os homens estrangeira», como a define uma nota, também inédita, do próprio Pessoa. Acrescenta ainda essa nota inédita que o tema de Ligeia é «a imortalidade sem a felicidade. A separação dos homens sem o convívio dos deuses».

Já que falámos de Ligeia, vamo-nos deter um pouco neste texto antes de, como é nosso propósito, passarmos a outros igualmente inéditos.

Segundo explicações de Pessoa, «Ligeia é o símbolo da Arte. É uma ninfa filha do Oceano, das ondas, isto é, da instabilidade e da incerteza (variante, escrita por cima: do tumulto) da humana imperfeição. O seu amante, que a procura

⁽¹⁾ F. PESSOA, *Páginas de Doutrina Estética*, Lisboa, Inquérito (1946), p. 65.

⁽²⁾ De peças publicadas, em apêndice, in M. T. RITA LOPES, *Fernando Pessoa et le drame symboliste — héritage et création*, Paris, 1977.

e, quando a encontra já imortal, a estranha e a deixa, é o símbolo da Vida, que procura incessantemente ser artística e completa, e, quando vê que disciplina e que austeridade terá que empregar para o conseguir foge, fraco e apavorado. Encontra-a ao pé do Templo de Apolo que é o Deus da Beleza. Deixando-a, ela persegue-o depois, como um espectro; e ele lamentará sempre e com eterna angústia não ter tido a coragem nem de a conseguir, nem, não a podendo conseguir, de a abandonar inteiramente» ⁽³⁾.

Foi o apetite do divino que levou Ligeia a pedir aos deuses a imortalidade:

Desde que com carinho indiferente
A humana forma os deuses compuseram
E com o seu feitio e interna semelhança
Brinquedos imitados nos fizeram
[...]
O homem, na sua imitada forma vendo
O divino, e o divino apetecendo [...].

No volumoso pacote dos inéditos dramáticos não identificados encontrei a passagem seguinte em que Ligeia (ou uma sua irmã gémea no anseio da imortalidade) dialoga com o Coro:

[Ligeia]

Eu não quero ir aonde não há luz,
De sob a imóvel terra não saber
Das flores, nem do curso usual dos rios,
Nem quando as estações que se renovam
Reiteram a terra (*). Quero ter
Por minha a tua mocidade, Aurora,
Que num dia envelheces, sempre nova,
E no outro dia, renascendo, a mesma,

⁽³⁾ Deste manuscrito, inédito, é apresentada uma fotogravura na obra citada na nota 2 (ilustração 44, em apêndice).

(*) M. Aliete Galhoz publica em *Obra Poética* nas «poesias coligidas, inéditas» um poema de oito versos, «*Ligeia*», de 1924, cujos primeiros cinco versos estão muito próximos destes. Nova variante desta passagem aparece no poema sem título deste mesmo capítulo «Não quero ir onde não há luz» que creio ser também um monólogo de Ligeia.

Abres de par em par a Apolo as portas
 Por onde o carro passe que alumia.
 Eu não quero sentir subitamente
 Um dia as minhas faces engelhando-se
 E as cãs raiando entre o ondeado ouro
 Do meu cabelo amado pelos deuses.
 Quero, por artes que me ensine Apolo
 Ou quem da minha dor se compadeça
 A eterna carne de uma mesma hora
 Moça vestir, e sem que os dias gozem
 Meu corpo, leve e simples conduzir
 Um ser não servo de Saturno ao fundo
 Da terra. Vós me ouvi, numes sagrados,
 Que do alto Olimpo decretais, por lei,
 Não gravada em papiro ou incerto cipo
 Aquele benefício que queirais
 Aos morituros sempre humanos, donos
 Da nossa, sem o amor, absurda vida,
 E sem a mocidade, sem o amor.

Coro

Pedes em vão, se mortalmente pedes.
 Os deuses não concedem aos mortais
 Seus dons, salvo lhe impõe[m] o sacrifício
 Da mortal condição que tu desejas
 E por amor à qual a eterna pedes
 Mocidade, e a beleza sempre a mesma.
 Só quem de sua natureza é deus
 Pode num corpo só e vida unir
 A vida verdadeira e a condição
 Da imortalidade; aos outros, uma
 Ou outra de natura falecendo,
 Nem os deuses lhes podem conceder
 O que o Fado negou que ser pudesse.

[Ligeia]

Terei eu sempre então que em vão pedir
 E ao mal de envelhecer acrescentar
 A [palavra ilegível] de pedir em vão

Que m'a retirem, e de em vão pedir
 A mocidade, mais me pese a vida
 E a vindoura velhice mais eu tema?
 Fazei que longo tempo, ó deuses, eu
 Venenos sorva de encantadas plantas
 E o coração me gele, ou rudes provas
 Em cavernas, abismos sequiosos
 De dar pavor, ou pálidas regiões
 Desertas, ou montanhas qual aquela
 Onde o pai de Deucalion dia a dia
 As eternas entranhas vê rasgadas
 E a imortal esperança sempre morta.
 À cólera dos infernos me expõe
 Pesados anos, indecisas horas,
 E eu sofra dores que não há humanas,
 Torturas qual a tântalo perseguem,
 Sisifeas angústias renovadas,
 Raivas como a do soterrado filho
 Da Terra em quem o Etna pesa e dói ^(*).
 Tudo fazei de mim, e tudo dai
 Quanto de dor e horror a carne faça
 Dobrar-se e a vida como um mal doer.
 Mas ao fim, por divina recompensa,
 Concedei a rogada mocidade (juventude) [sic]
 A beleza imortal que alva me vista.
 Sem alegria a concedei, se tanto
 Para que a concedais vos é preciso,
 Que tê-la bastará para alegria,
 E sabê-la sem fim para viver.

Coro

Ai de quem pede sem saber que pede!
 Ai de quem do Olimpo impetra aquilo
 Que não conhece, vendo só a forma
 Humana e exterior das cousas, tendo
 Só a mortal visão das mortais cousas!

(*) Referência ao gigante Briareu que inspirou o poema dramático de que adiante falaremos.

Ai de quem ousa a Zeus ou quem mais ame
 Dos imortais a sua voz erguer
 Pedindo, seja o quê, que eles concedam,
 E concedido qual pedido, exceda
 O esperado bem, mas, porque é outro,
 O não esperado mal resulte enfim.

[Ligeia]

Deixai o que vier, se vem consigo
 A ausência desta angústia que me causa
 Saber que o tempo é dono meu, e cada
 Hora minha inimiga, e Aurora, quando alegre
 Raia, triste por dar mais peso de horas
 Ao meu corpo, afluente de Cocyto
 Ou Phlegethonte ou Styx, imundo e frio.

Ligeia consegue ser ouvida pelos deuses: fugir à força da gravidade da morte e pairar no «mar sem praias do ar supremo». Num escrito que encontrei no dossier dos inéditos dramáticos não identificados, Ligeia (porque me parece evidente que desta personagem se trata), exprime-se assim:

No éter anónimo suspenso,
 De luz e azul eu me embriago,
 E a minha sombra é um vago incenso
 Da grácil forma vã que trago.
 Durmo na aérea solidão
 Como se viver me embalasse
 E a mágoa no meu coração
 Nasce, passa e após renasce.

Porque, por longe que me sinta
 Da terra lúgubre e pesada,
 Por mais que a minha sorte minta
 A toda a sorte com estrada,
 Ainda no meu coração resta
 Um hálito de amor que exige
 Uma forma, um calor, e atesta
 Que o amor sem amar aflige.

Na luz suspensa sonho e cismo,
 No mar sem praias do ar supremo,
 No hálito do profundo abismo
 Que a luz esconde, amparo e remo
 Meu barco de indistinta vida,
 Mas nada cura a minha frida [sic]
 De não ter mais que a solidão.

Murmúrio verde de arvoredos,
 Bulício — sombra que há nas fontes,
 Florestas cheias de segredos,
 Azul frio dos longes montes,
 Ah quem me dera, quem me dera
 Outra vez ir por entre vós,
 Sentir a vossa primavera
 Sofrer o vosso inverno após.

Alto demais subi e quis,
 Muito o desejo conseguiu
 Que me trouxe a este azul país
 Onde o imperfeito amor fugiu,
 E onde, banhada em luz, desejo
 Outra vez a deixada guerra,
 E por tornar a ouvir almejo
 O esplendor córico da Terra.

Semicoro

Feliz aquele que sem saber
 Que cousa quer
 Tal cousa alfim consegue que vê
 Ser o que é
 O que, se desejar soubesse,
 Desejaria.

[Ligeia]

No fundo ermo das florestas,
 Branca vista dentre as frestas
 Entre as árvores frondosas,
 Entre as folhas rumorosas,

Sossegada ao pé das fontes
 Ou nas encostas dos montes
 Com mãos vãs amontoando
 Flores vãs, e as desfolhando,
 Passo os dias, passo as horas.
 Calma sigo e a calma choro.
 [...]

Pelos vales, pelos prados,
 Pelos campos descansados,
 Vou colhendo, vou cantando,
 Flores que lá estão nevando,
 Vou banhando-me nos rios
 E nos crepúsculos frios
 Com meus cabelos me cerco
 E na noite a forma perco
 Sendo só, na minha voz
 Que se ergue a ser sozinha
 Uma ninfa que um deus pôs
 Nesta solidão rainha.

Mas eu antes quero aquela
 Floresta que é menos bela,
 Mas onde com companheiras
 Com corridas e canseiras,
 Desde os sátiros fugindo
 Até onde há outros vindo,
 Ou amada de algum nume,
 Sentir sempre um novo lume
 A queimar meu ser que foge
 Entre os ramos a fingir,
 E se nega o amor hoje
 É para amanhã mais vir.

Já nesta passagem Ligeia lamenta ter perdido a mortal vida e o «imperfeito amor»: «amor sem amar aflige» exclama.

Mas o sentimento de total malogro só virá quando se vir repudiada pelo amante (apenas indicado no texto pela letra A) que a não reconhece na sua imortalidade:

Ligeia

Que têm meus olhos que, se os procuraste,
Agora os não procuras? Os meus braços
São menos brancos? Meu cabelo louro
Tem outra cor? Meus lábios que se apartam
Para falar contigo, é doutro modo
Que para te falar se apartam? Que arte
Te apartou do meu corpo [...].

A.

Em vão me dizes que és a mesma, e em vão
Com mesmos gestos diferentes ergues
Para mim novos braços. O teu corpo
Tem uma outra beleza, já mais bela.
Adoro aonde amava. Não te quero
Como te ousava antes querer. Amar-te
É hoje profanar-te.

Ligeia

Mas eu quero.

A.

Tu não podes querer no meu receio.
Deram-te os deuses a imortalidade
Mas não o uso dela, a arte suprema
De compelir os homens a querer.

A.

Que cousa pode haver que nos enlace
Se a tua imortal vida e a mortal minha
Não têm um beijo igual, nem com iguais
Braços abraçam. Que amor pode haver
Entre nós se nos não amamos já
Segundo a mesma lei e a mesma vida?
Tua mão, que me toca, é para os deuses.

Se com esforço augusto e ⁽⁵⁾ vida
 Eu me elevasse aos deuses, lograria
 Sentir igual e própria a tua mão.
 Deixa de procurar meus braços vivos.
 Braços de deuses, só te podem dar
 O amor que te compete ao corpo eterno.

Ligeia

Os deuses amam deuses, e se escolhem
 Entre os humanos quem amar, não buscam
 Quem os quer, mas quem eles querem; nem
 Lhes importa que o amor da mortal vida
 Lhes leve aos pés uma ânsia como a minha.
 Mais próxima talvez do amor de Jove
 Estaria eu se mero pegureiro
 Nos seus paternos montes eu guiasse
 Ignorados rebanhos por atalhos
 E não quisesse nada. Nem eu quero
 Os deuses, que me não querem a mim.
 És tu a quem eu quero, são teus braços,
 Não os de Jove ou Apolo, quem eu busco.
 Que me serve poder amar só a deuses
 Se os deuses não me querem, nem eu os quero,
 Se iguais e diferentes, paralelo
 Caminho andámos pelo amor da vida?

[Coro]

Tua vida será a tua morte,
 Teu túmulo tu-própria. Ai, que pediste
 Sem saber que pedias! e invocaste
 As dos abismos forças mais antigas
 Que os claros deuses régios neste mundo!
 E o castigo tocou-te, a fatal sorte
 Que aos ousados contra os deuses espera!
 Que será de ti agora?

⁽⁵⁾ Espaço vazio, no original.

[Ligeia]

Ai de mim que hoje sofre imortalmente
 Uma dor que já nada tirar pode,
 E não posso inverter a indissolúvel
 Decretada
 Ô dolorosa condição sem fim!
 Ô dor sem termo, solidão sem meta!

Semicoro

Ai do que, da sua sorte descontente,
 Divina vida quer,
 E onde o fado o não pôs se quer alçar!
 Ai do que a vida
 Acha que não lhe basta e outra coisa
 De melhor busca,
 Não vendo que, salvo para os imortais,
 A quem o fado tal destino deu,
 O que não é a vida
 Certo a morte há-de ser.

Semicoro

Mil formas tem a morte como a vida.
 Não só a morte é a cessação e o frio
 E o coração não bater mais
 E os lábios não serem vermelhos.

[Ligeia]

Ai de mim, ai de mim, que, desterrada
 Da humana condição, não sou divina,
 Mas entre os deuses e os homens paio,
 Meu incarnado exílio e expulsa vida!
 Ai de mim, sem amor eternamente!

Em *Sessão dos Deuses*, peça de que apenas uma folha dactilografada se conhece, o problema da mestiçagem dos deuses e dos homens torna a pôr-se. «A raça dos deuses e

dos homens é só uma», é uma afirmação de Píndaro que Pessoa faz sua ⁽⁶⁾.

Diz Júpiter, em *Sessão dos Deuses*, dirigindo-se aos homens: «Sêde como eu, que sou justo no dia da justiça e injusto no dia da injustiça, conforme os desígnios do Fado e a mutação das coisas. Não vos humilheis demasiado, porque sois como nós deuses, uma parte de sonho e uma parte de verdade, mas que parte é sonho e que parte é verdade nem vós podeis saber, nem nós: só o saberão os deuses dos deuses, se porventura o souberem. Mas, por outra via, não vos orgulheis também, porque talvez não sois vós que sois iguais aos deuses senão os deuses que são iguais a vós. Não vos poderei dizer mais que isto que tendo vo-lo já dito, ainda vos não disse e ficará sempre por dizer. Sou deus supremo onde sou deus supremo — nem um palmo para além. A mim me chamam pai dos deuses, porque sou pai dos que são meus filhos; eu mesmo, porém, sou filho, e tiveram pais os que o são meus. Ninguém sabe se a falta de fim em tudo é por andar sempre para a frente para onde nunca se chega, ou por andar sempre à roda para onde não há onde chegar».

Não são os homens, pois, que são feitos à imagem dos deuses mas os deuses que o são à semelhança dos homens — e todos eles elos de uma cadeia de que se não conhece princípio nem fim.

Pôr em causa a divindade-puro-sangue de um deus é também um dos propósitos da peça *Calvário*, painel de um tríptico projectado por Pessoa de que apenas indicou um outro: *Sakyamuni* ⁽⁷⁾.

Uma das personagens da tragédia *Calvário*, para que Pessoa também encarou o título de *Cristo*, afirma:

«Os Deuses são muitos e cada um tem sua linguagem e essa linguagem é sempre doce porque senão não seriam deuses. Cada vez que ouvimos um deles falar, julgamos que é ele o único e que o mundo que ele dá é que é o vero mundo. Ouvimos outro e julgamos dele hoje o que

⁽⁶⁾ *Páginas de Doutrina Estética*, p. 65.

⁽⁷⁾ Publicado, em apêndice da obra acima citada: *Fernando Pessoa et le drame symboliste*.

do primeiro julgámos ontem. Cada um é a verdade só enquanto nos fala. Como somos crianças não sabemos nada, vivemos dos contos que nos contam e o conto que é contado enquanto o contam é o único conto (variante: a história de tudo) que alguma vez foi verdade no mundo. Já eu ouvira outrora deuses e porventura mais ainda ouvirei. O último será sempre o primeiro mas, no fundo de mim, serei sempre o que ignora e arrasta um corpo atrás de si debaixo do sossego (variante: distância) das estrelas».

Noutra passagem alguém diz:

«Tudo isto foi porque havia no deserto um homem chamado João, que era profeta. Começou ele, em altos gritos, a anunciar que não era mais que aquele que conhecia o caminho por onde haveria de vir Aquele que um Deus, que é só ele Deus, queria que viesse. E assim, sem que o quisessem, esperavam todos o que o Deus mandaria. Quando este homem veio e disse que era ele o que o Deus mandara e que desse mesmo Deus era filho e servo, muitos disseram que, porque estava anunciado, era este enfim o que viera. Outros disseram: «não sabemos se é». Outros negaram que fosse, não porque soubessem que não era, mas porque há quem espere sempre para nunca querer encontrar.

A. — Mas tu, que pensas tu? Era este o enviado de Deus?

X. — Sou como as coisas livres que o vento toca: vou para onde vai o vento. Uns dias digo para mim: «era este o homem», outros dias digo «porque será este o homem?», outros ainda digo que não era, mas não sei porque o digo. Ele falava de coisas que estão num lugar qualquer onde os nossos deuses não habitam — coisas que faltavam, mas que estavam já no coração.

B. — Mas este homem era um Deus?

X. — Que é ser um Deus? O que é ser este homem? (variante: o que é ser homem?) Sei eu responder ao que me perguntais? A voz dele dizia coisas de grande esperança mas faziam tristeza pois não era a esperança do

que somos senão a do que deveríamos ser, e o que deve ser é triste pois não tem lar nem amor».

Noutro breve apontamento incompleto Cristo diz:

«A minha alma é o corpo da dor humana. Sou Deus porque o homem sofre. Meu coração é o que se fecha sob as lágrimas e o que as palavras nunca puderam dizer».

Esta passagem revela uma profunda afinidade entre esta peça e outra, *Sakyamuni* de que mais longa e apuradamente se ocupou. Sakyamuni (isto é, Buda), depois de ter resistido ao apelo das coisas do mundo das Aparências que contudo tinham chamado por ele «com vozes de filho que chamam a mãe» ⁽⁸⁾, depois de se ter libertado da tentação de ser quotidiano («É quente ter pai e mãe e ter esposa e filhos» ⁽⁹⁾), do «limo humilde das afeições» ⁽¹⁰⁾ escolhe para seu destino um sacrifício ainda maior: recusa o seio infinito do Nirvana, seus «braços de sombra e [seus] cabelos de esquecimento» ⁽¹¹⁾ para se tornar o Mal Absoluto: «A carne do meu corpo é a dor universal, corre nas veias da minha vida o sangue das lágrimas dos homens». Apesar da objecção que lhe põem «o teu sacrifício não tem deus» ⁽¹²⁾, nada o demove da sua decisão de se tornar de certa forma um abcesso de fixação do mal para que o Bem Absoluto possa reinar, desaparecendo para sempre a dicotomia Bem-Mal e todas as que daí resultam (gozo-dor, justiça-injustiça, etc...).

Muito significativa nos parece a intervenção pertencendo aparentemente ao que Pessoa chama «semi-coro»: «Quem sabe se ele, tornado o Nada, não foi um Todo para outro Deus, de quem este seja a diferença ou (variante: e) o sonho?» ⁽¹³⁾.

Já em *Sessão dos Deuses* ouvimos Júpiter afirmar que ele próprio era apenas um anel de uma cadeia de que se não

⁽⁸⁾ *Ibid.*, p. 545.

⁽⁹⁾ *Ibid.*, p. 542.

⁽¹⁰⁾ *Ibid.*, p. 543.

⁽¹¹⁾ *Ibid.*, p. 545.

⁽¹²⁾ *Ibid.*, p. 546.

⁽¹³⁾ *Ibid.*, p. 549.

pode conhecer nem o princípio nem o fim. Entre o mortal que ama(va) Ligeia e a ambiciosa ninfa há uma distância de grau como a que separa esta última de, por exemplo, Júpiter. Mas até o pai dos deuses afirma, como há pouco ouvimos: «eu mesmo, porém, sou filho e tiveram pais os que o são meus». Acontece, porém, que para Pessoa ser o filho de ou ser o sonho de — vem a dar no mesmo porque o sonho é criador (como mostra em *O Marinheiro* e *Salomé*).

Também *Briareu* (outro painel de um tríptico que Pessoa pensou completar com *Encelado* e *Livor* ⁽¹⁴⁾) é um mestiço. Filho da Terra, nutre o obsessivo projecto de vencer Júpiter. À mãe Terra, que sensatamente e com sobressaltados e maternais conselhos o tenta demover de tão arriscada empresa, diz:

Oh Mãe, minha Mãe adorada!
 [...]

Oh minha mãe não me demovas
 Da empresa audaz (variante: ardente) e vasta
 Da guerra eterna ao Mal
 Que tem o trono no Infinito,
 Jove o seu nome.
 Quem diz que ele é onnipotente
 Senão o terror do seu braço
 Forte e avassalador?
 Mas força vã é toda a força.
 Quem diz que ele é onnipotente?
 Antes dele havia Saturno,
 Saturno, Knossos, Tempo.
 E quem mais do que esse
 Onnipotente julgaria?
 Mas um dia
 Do seu trono, onde esaltado [sic]
 Enchia a solidão
 Com a sombra do seu poder,
 Caíu.
 Caíu no abismo fundo
 Das cousas que acabaram
 E nunca mais serão.

(14) Ver a este propósito a obra citada: *F. P. et le drame symboliste*, p. 136.

Ele, o Tempo; ele Knossos.
 Caíu, e agora Jove
 Ocupa aquele trono,
 Omnipotente talvez não.
 Pois talvez outro venha
 Que como ele a Saturno
 Omnipotente reputado,
 Vencendo-o e destronando-o,
 Desfaça essa lenda sombria,
 Plausível e pesada
 Da sua onipotência.
 Jupiter ou Saturno
 São menos que o Mistério
 A quem chamas o Antigo
 Mas que ninguém conhece
 Nem tem sombra de nome
 Nem forma de existência
 Que o pensamento atinja
 Nem mesmo o pensamento de imortais
 Imortais como nós
 Em quem houve princípio
 Mas que não têm fim.
 [...]

A TERRA

[...]

Não queiras, oh meu filho,
 Que eu chore eternamente
 Não a tua perda, a tua morte
 Como uma mãe mortal a mortal filho
 (variante: filho mortal)
 Mas qualquer mor horror
 Que a tua (variante: nossa) natureza de imortal
 Por imortal faça (variante: faz) possível
 [...]

BRIAREU

Se Saturno caíu
 Júpiter cairá
 [...]

Tudo, Júpiter e Saturno
 Como eu e tu, oh Mãe,
 Deuses e imortais
 Imortais e mortais
 São figuras de um sonho
 De sonhador ignoto
 Além de quem talvez se oculte
 Mais e mais e mais
 Incompreendidamente.
 [...]

A TERRA

Mas que farás se Júpiter cair
 O que farás de Júpiter?
 De ti o que farás?
 [...]

BRIAREU

Nada para mim quero
 Nem sei o que farei
 Se fizer Júpiter cair.
 Desejo apenas, Mãe,
 A queda do Supremo
 E o seu destronamento.

Assistimos depois ao relato feito pelo coro e pelo que Pessoa chama «semi-coro», em número de dois, do desafio, da derrota e do castigo de Briareu — ficar eternamente sepultado debaixo de monte Etna, para sempre esmagado por sua própria Mãe, a Terra:

Assim no horror da eternidade
 Do tempo, tempo, tempo,
 Tempo, tempo, tempo,
 Sofrerá eternamente
 O gigante Briareu
 e a sua mãe, a Terra.

E de tudo só ficou, como o coro conclui:

(...) e daquilo
 Que aspirou e que alcançar não pôde
 Só das cousas o vácuo inexpressivo
 (variante: o vago e o mistério)
 A noite lenta e longa e a solidão
 Enchendo de si mesma o espaço frio
 E inalterável, e o mistério vago
 E as estrelas longínquas reluzindo
 Eternamente seu silêncio eterno.

Não temos neste momento espaço disponível para enveredar por todos os caminhos por onde os textos inéditos apresentados nos poderiam empurrar. Limitemo-nos por agora a reparar nalguns aspectos mais salientes, comuns não só aos textos em questão mas a toda a obra de Pessoa. Os traços de família não são só traços de escola. Não falo das «parecenças» de linguagem de *O Marinheiro*, *Salomé*, *Diálogo no Jardim do Palácio*, *Morte do Príncipe*. Falo de obsessões fulcrais que nervuram todo o texto pessoano.

A primeira obsessão, bem expressa em *Sessão dos Deuses*, na passagem citada, é a de que homens e deuses são degraus de uma imensa escadaria de que se não conhece princípio nem fim. Ouvimos Briareu afirmar que «Deuses e imortais/Imortais e mortais/São figuras de um sonho/de sonhador ignoto/Além de quem talvez se oculte/Mais e mais e mais/Incompreendidamente». Tudo é portanto um vertiginoso jogo de espelhos: o «sonhador ignoto» é, por sua vez, sonhado por um outro alguém igualmente desconhecido e assim sempre, para trás e para diante. Nessa cadeia infinita não está estabelecido o ponto de passagem de Deus para homem: houve aparentemente mutações, a certa altura. Mas a raça é a mesma. Só que certos caracteres estão adormecidos no homem embora possa despertar nele, num relâmpago de memória, a dimensão do deus que foi: como se um gato galsse de repente os anos e o trato doméstico que o exilam dos seus antepassados e num salto virasse tigre.

A segunda obsessão que é, por assim dizer, o pulsar do texto pessoano, é a de que esse homem e esse deus puxam cada um para o seu lado esse corpo mortal em que coabitam.

No tal texto-uno que é a obra de Pessoa, Álvaro de Campos, o «fingidor» «da dor que [Pessoa] deveras sente», é essa personagem dilacerada por solicitações contrárias. «O sentido de ser humano é dormir» ⁽¹⁵⁾ diz ele. E porque é incapaz de se acomodar nesses estreitos limites, a sua vida é uma longa insónia (situação dominante nos seus poemas). Mas, por outro lado, despertar aterra-o, porque despertar é, talvez, *ver*, isto é, levantar a cortina, penetrar nos bastidores, ser arrebatado por qualquer força em que possa perder o pé. «Demogorgon» é o grito de quem, ao sentir nos «olhos fechados» o «bafo horrível e frio» dessas correntes de ar que de vez em quando se escapam da porta entreaberta para o Desconhecido, recusa, de braço abafando o rosto, a Verdade com maiúscula: «Que bafo horrível e frio me toca em olhos fechados?/Não os quero abrir de viver! Ô Verdade, esquece-te de mim!» ⁽¹⁶⁾. Nessa recusa se agarra desesperadamente ao cenário pintado mas reconfortante das casas e das gentes: «Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta gente;/Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente...».

Esta situação de súbito terror e esta escolha cobarde é comum às personagens de *O Marinheiro*, de *Diálogo no Jardim do Palácio*, de *A Morte do Príncipe*. «Aquece ser pequeno», confessa uma das Veladoras. «Elevar é desumanizar» diz Pessoa ⁽¹⁷⁾. Ouvimos o lamento de Ligeia que, depois de se ter conseguido alçar a esse «azul país/donde o imperfeito amor fugiu» sofre dilaceradamente a nostalgia do humano hálito quente da imperfeição: «ainda no meu coração resta/ /Um hálito de amor que exige/Uma forma, um calor, e atesta/Que o amor sem amar aflige». «Desterrada da humana condição», também não encontra entre os deuses o seu lugar, e por isso erra no deserto, escorraçada de uma tribo para a outra: «entre os deuses e os homens paio».

Também Briareu [irmão, afinal, de Prometeu ⁽¹⁸⁾] está dividido entre a vontade de vencer o deus supremo e o amor

⁽¹⁵⁾ P. PESSOA, *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1965, p. 370.

⁽¹⁶⁾ *Ibid.*, p. 368.

⁽¹⁷⁾ F. PESSOA, *Páginas de Doutrina Estética*, p. 136.

⁽¹⁸⁾ Sobre a peça inédita *Prometeus Revinctus*, que Pessoa escreveu ao longo de toda a sua vida, ver a obra cit., *F. P. et le drame symboliste*, p. 135.

pela Mãe Terra, que para o dissuadir o tenta adormecer com conselhos no seu regaço rasteiro mas sem sobressaltos: «Oh, deixa tudo, filho,/Quem sabe o que é a verdade?/Quem sabe o que é a mentira?/Volta aos bosques onde sonhavas/ /À sombra das árvores rumorosas,/Volta, meu filho, a mim,/ /Que eu farei florir para teu sonho/As flores pelos prados».

Também Sakyamuni está dividido, como atrás dissemos, entre o apego ao mundo das pequenas afeições e o apelo do seio infinito do Nirvana.

Só Caeiro está de fora, *tem de estar*, ao abrigo do redemoinho dessas duas solicitações contrárias: dormir-despertar, isto é, viver-de-olhos-fechados e abrir-os-olhos-e-ver, isto é, afinal, estar e ser ⁽¹⁹⁾. Pudera! Caeiro apareceu para ser o mestre-escola de ensinar a estar, a não querer mais que este chão pisável, a estar-apenas, a ver, a ver-apenas, a não ver mais longe do que os olhos do corpo alcançam. Caeiro, pastor (fingido) de um pequeno rebanho de outros eus, heterónimos ou personagens — de poemas ou peças, tanto faz — através dos quais Pessoa tenta incessantemente conhecer-se e libertar-se. Claro que foi ele que disse: «fingir é conhecer-se».

M. TERESA RITA LOPES

⁽¹⁹⁾ Estas oposições, aqui simplesmente enunciadas, são longamente estudadas na obra citada precedentemente, sobretudo pp. 451-483.